

CONSTRUÇÃO FICCIONAL E (RE)CONSTRUÇÃO HISTÓRICA:
UM JOGO ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE
EM *EL MATERIAL HUMANO*, DE REY ROSA

Dr. RODRIGO DE FREITAS FAQUERI
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
rodrigofaqueri@hotmail.com

RESUMO: Este artigo busca observar a ficção histórica construída na literatura centro-americana contemporânea a partir da análise da obra *El material humano* (2009), do escritor guatemalteco Rodrigo Rey Rosa, que se destaca por construir suas narrativas a partir de elementos ficcionais carregados de um caráter histórico, colocando em dúvida os limites entre o universo ficcional e a realidade e, proporcionando, no romance em questão, uma estrutura narrativa engendrada em um jogo de palavras e de seus significados, fornecendo ao leitor um caminho construído por veredas obscuras, tendo como elemento indissociável a violência, não só como temática, mas principalmente como componente estruturante das narrativas.

Palavras-chave: Ficção histórica. Rey Rosa. Guatemala.

Artigo recebido em: 15 jun. 2018.
Aceito em: 07 jul. 2018.

CONSTRUCCIÓN FICCIONAL Y (RE)CONSTRUCCIÓN HISTÓRICA:
UN JUEGO ENTRE LA FICCIÓN Y LA REALIDAD
EN *EL MATERIAL HUMANO*, DE REY ROSA

RESUMEN: Este artículo busca la ficción histórica construida en la literatura centroamericana contemporánea a partir del análisis de la obra *El material humano* (2009), del escritor guatemalteco Rodrigo Rey Rosa, que se destaca por construir sus narrativas a partir de elementos ficcionales cargados de un carácter histórico, poniendo en duda los límites entre el universo ficcional y la realidad y, proporcionando, en la novela en cuestión, una estructura narrativa engendrada en un juego con las palabras y sus significados, forneciendo al lector un camino construido por veredas oscuras, teniendo como elemento indisociable la violencia, no sólo como temática, pero principalmente como componente estructurador de las narrativas.

Palabras-clave: Ficción histórica. Rey Rosa. Guatemala

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA

O território hoje denominado de América Central é um lugar de concentração de diversidade étnica e cultural desde o período pré-colombiano. Assim como afirma Ortiz Wallner (2012, p. 39), na América Central, encontram-se “a diversidade étnica, cultural e linguística de seus habitantes [...] junto à percepção desta zona como ponte natural entre um Norte e um Sul”¹. Também se percebe, desde o período colonial até a atualidade, uma diversidade cultural que é permeada pelos centros urbanos, pela costa do Caribe e pelas zonas indígenas, que ainda sobrevivem com bastante força dentro do território centro-americano. Assim, esse território também foi considerado como um espaço para refugiados de ambos os lados do continente e como um lugar de deslocamento natural. Esse deslocamento, somado aos refugiados em contato com a população local e suas tradições, deu origem ao que se entende por América Central.

¹ Este e os demais fragmentos teóricos em espanhol foram traduzidos por nós.

Para Cuevas Molina (2012), as particularidades da região são percebidas desde o período pré-colombiano, momento em que as várias culturas da Mesoamérica floresciam, tendo como matriz a primitiva cultura olmeca, proveniente do Golfo do México. No território mesoamericano, a integração entre culturas trouxe a mescla de costumes, tradições e hábitos que se completavam e se compreendiam dentro de uma perspectiva única de sociedade inaugural. O autor ainda acrescenta que

Trata-se do primeiro e original substrato de identidade regional, que leva em si algumas das características que serão permanentes na cultura desta região ‘do meio’ da América, entre elas [...]: sua existência de forma concreta em variadas expressões culturais que o desenvolveram com seus próprios tons e matizes. (CUEVAS MOLINA, 2012, p. 26)

Assim, a zona centro-americana atual, desde a época da Mesoamérica, foi a “ponte” que uniu os dois extremos do continente americano por onde passaram centenas de milhares de seres humanos, num intenso intercâmbio cultural. Com esse fluxo contínuo de pessoas e culturas e, conseqüentemente, de mudanças históricas e sociais, as fronteiras geopolíticas dessa localidade foram sendo alargadas e flexibilizadas. Dessa forma, a constituição de uma identidade centro-americana está pautada majoritariamente na ideia de uma composição múltipla e fragmentada, o que leva a pensar em uma unidade difícil de ser conservada, ainda mais quando se possui

[...] um mosaico de espaços regionais diferenciados, regidos por subsistemas econômicos e socioculturais, os quais possuem certa autonomia e estabilidade, mas são capazes de autorregulação e de duplicação. Estas estruturas regionais, quando existentes, são distintas da quadrangulação administrativa e institucional. (DEMYK, 1995, p. 14)

Dito isso, deve-se entender a região centro-americana como um lugar múltiplo e que essa característica foi e continua sendo inerente ao seu processo de formação identitária. Não se pode ignorar os diversos espaços e planos espaciais que coexistem nesse território, espaços que são não apenas transregionais mas cujas expressões socioculturais vão além das fronteiras geopolíticas conhecidas atualmente.

Neste contexto, é importante destacar um ponto relevante referente à cultura centro-americana: a convivência cotidiana com a violência. A América Central se tornou no século XX o território mais violento do mundo, estando à frente de zonas de guerra como Iraque, Afeganistão e Ucrânia. Os genocídios e feminicídios são constantes e tornam esse território um local permeado por

insegurança e desproteção. Vale ressaltar que os principais reponsáveis para esses números são os narcotraficantes, o crime organizado nos centros urbanos e *las maras*, gangues que lutam por territórios dentro das cidades. Aos narcotraficantes, acresce-se a ideia de elo continental: a América Central está justamente no meio do maior produtor de drogas do mundo (América do Sul) e do maior consumidor de drogas do planeta (América do Norte). Cuevas Molina menciona que

As altas taxas de criminalidade [...] se devem à sobreposição de intensos desajustes em vários subsistemas sociais (familiar, laboral, econômico, político, cultural e institucional) agravados pela globalização (ou forma de inserção econômica, política e cultural de *Centroamérica* na ordem mundial). (CUEVAS MOLINA, 2012, p. 144)

Outro aspecto decisivo para a violência na América Central são as guerras civis ocorridas ao longo do século XX, principalmente a partir dos anos 1960. O período mais cruel e sangrento dessas guerras se deu a partir de 1980, quando o governo estadunidense atacou militarmente a Nicarágua a partir de suas bases instaladas em Honduras e Costa Rica. Os confrontos em El Salvador, entre o exército e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), deixaram milhares de mortos em um território que com cerca de 20.000 quilômetros quadrados. Para Lungo e Martel, a violência cotidiana hoje encontrada na América Central é uma ramificação da violência institucionalizada pelos governos militares durante grande parte do século XX (LUNGO; MARTEL 2007, citado em CUEVAS MOLINA, 2012, p. 147).

Nosso enfoque recai sobre a Guatemala, país que, ao longo de 36 anos, amargou duas guerras civis e que atualmente ainda sofre com suas consequências. Sua história é permeada por guerras políticas desde a independência, em 1821, e a desvinculação da Federação das Províncias Unidas da América Central do México em 1823. Desde esse período, o país teve figuras autoritárias em seu cargo máximo, como Rafael Carrera y Turcio (1844-1848/1851-1865), Manuel Estrada Cabrera (1898-1920), José María Orellana (1921-1926) e Jorge Ubico (1931-1944). Este último foi considerado um dos piores, fraudando eleições com o apoio da *United Fruit Company* (UFCO) e encarcerando milhares de pessoas sem qualquer motivo aparente.

No entanto, depois de Ubico, dois presidentes empreenderam reformas sociais para beneficiar a maioria da população: Juan José Arévalo (1945-1951) e Jacobo Árbenz (1951-1954). O primeiro foi tido como um dos melhores presidentes, devido à quantidade de reformas, ao passo que Árbenz atacou a ingerência estadunidense e seu braço de ferro na região, a multinacional UFCO. Considerado “soldado do povo”, Árbenz foi acusado de simpatias

comunistas no período em que a Guerra Fria dividia o mundo em dois blocos antagônicos. Derrubado por um golpe de Estado orquestrado pelos EUA e pela UFCO, Árbenz e a população guatemalteca viram seu país ser governado por uma junta militar que, a partir deste momento, implantou uma máquina repressora que efetuará, ao longo das próximas três décadas, os maiores massacres na história da América contemporânea (CUEVAS MOLINA, 2012, p. 149).

Surge o Estado Contrainsurgente como política estatal, superior a qualquer outro poder dentro do país, buscando esmagar os levantes populares que pipocam contra a ditadura. Segundo Rivas (citado em CUEVAS MOLINA, 2012), estima-se que durante o período ocorreram mais de cem mil casos de crimes políticos. Deram-se três grandes ondas de massacres promovidos pelo Estado: a primeira foi nos anos de 1960, com vistas a acabar com os projetos agrários criados por Árbenz e dissolver a legislação social; a segunda, no final dos anos de 1970, quando se aniquilou por completo a primeira guerrilha do país, surgida em 1962; já a terceira, a mais cruel, é descrita da seguinte maneira por Molina:

Na *terceira onda* de terror, que abrange a década de 1980, mas que aprofunda suas raízes na segunda metade dos anos setenta e se prolonga, com menor intensidade, durante a primeira metade dos anos noventa, se tinha como objetivo aniquilar as bases sociais que sustentavam o movimento guerrilheiro, aglutinado em torno da Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNAG). Nesta etapa, o regime empregou amplos e inovadores dispositivos genocidas de controle social. Foram arrasadas centenas de comunidades indígenas, ao mesmo tempo que se formavam as Patrulhas de Autodefesa Civil (PAC), uma milícia civil obrigatória sob controle militar, de um milhão de homens. O resultado foi catastrófico: mais de 400.000 mortos, 40.000 desaparecidos, mais de um milhão de migrantes internos, 250.000 refugiados no México, [...] e milhares de exilados espalhados por todo o mundo. (CUEVAS MOLINA, 2012, p. 150)

No começo dos anos 1990, a chamada “pacificação” dos países centro-americanos teve como marco a derrota eleitoral do governo revolucionário sandinista na Nicarágua. Nesse novo contexto, pensando na construção literária centro-americana, sente-se a necessidade de olhar para uma nova realidade que abrange os problemas sociais depois de décadas de derramamento de sangue. A guerra já não é mais vista como nos discursos anteriores, em que o conflito armado era indispensável para transformar a realidade social. Agora o confronto é muitas vezes tratado como algo grotesco, irônico e até carnavalesco.

Ocorre, nesse ponto, uma mudança estética nas narrativas centro-americanas. Sai-se da militância política para buscar-se uma estética que não almeja mais o universal, mas o individual. A identidade centro-americana também segue sendo buscada e construída, porém não mais pela ótica das revoluções e dos conflitos armados iniciados nos anos 1960 e intensificados nas décadas seguintes. Nesse cenário a identidade vai sendo construída a partir das novas temáticas que se impõem: a violência urbana, cotidiana e gratuita, as feridas deixadas pelas guerras recentes, o crescimento das gangues, o fluxo migratório incessante em busca de melhores condições de vida e também relatos carregados de um componente insólito.

Nesses países, a narrativa produzida pelos novos autores visa reconstruir e evidenciar o novo cenário nacional, assim como reorganizar a condição humana perseguida pelas sombras de um passado tenebroso. Escamilla aponta um novo espaço cultural em que as fronteiras se diluem e em que emerge a necessidade de se narrar os percalços desse novo cotidiano: “Destas individualidades umas adquirem o rosto da violência, outras da indiferença e a desilusão que encarnam as personagens romanescas para retratar esses signos que na cotidianidade têm nome e sobrenome” (ESCAMILLA, 2011, p. 19).

Dentro desse cenário contrastante e tenso despontam narrativas que pretendem mostrar um retrato contundente de seus países e de suas realidades, lançando mão de um novo estilo, ora mais ágil e contundente, ora marcado pela imagem da cidade como *locus terribilis*, onde todos os pesadelos se concentram (MACKENBACH & ORTIZ WALLNER, 2008). Esse é o caso de *El Material Humano* (2009), de Rodrigo Rey Rosa, obra analisada neste artigo.

UMA FICÇÃO HISTÓRICA: ANÁLISE DE *EL MATERIAL HUMANO* (2009)

Dividida em quatro cadernetas e cinco cadernos de anotações, a narrativa se produz, aparentemente, como um relato das experiências e das descobertas do narrador-protagonista no Arquivo do antigo Palácio da Polícia. Entretanto, os relatos sobre os arquivos se misturam com experiências do cotidiano vividas além dos papéis achados e do lugar que os guarda, tudo isso em meio a uma série de citações de escritores como Kafka, Borges, Voltaire e Albert Camus. Assim, o real e o ficcional também se emaranham sob essa perspectiva, pois o conhecimento do real é filtrado por meio dos olhares oriundos da ficção e/ou da filosofia.

Nesta narrativa, ao construir seu narrador-protagonista e a história que o envolve, Rey Rosa faz com que se elimine a fronteira entre a realidade e a ficção. Um escritor, personagem principal da trama, mas que não traz um

nome próprio declarado, apresenta semelhanças com o próprio autor: ambos recebem a permissão de estudar os arquivos policiais da Polícia Nacional Guatemalteca encontrados no porão de um hospital militar em 2005.

Com a nota de abertura do livro, busca-se uma aproximação sólida com a realidade: “Embora não pareça, embora não queira parecer, esta é uma obra de ficção.” (REY ROSA, 2011, p.7). O narrador já pretende preparar seu leitor para uma possível projeção interpretativa de sua leitura: mesmo que este leitor acredite ser uma história real, ele deve entendê-la como uma narrativa precisamente ficcional. Mesmo que a contextualização histórica remonte e reforce a representação da realidade, o leitor deve perceber que se trata de uma história construída e inventada pelo narrador. Ou também, por paralelismo, espera-se produzir no leitor o efeito contrário, um efeito de realidade: “mesmo que seja ficção, é uma história real”. Além disso, a estrutura gramatical da frase reforça a impressão de que existe uma contrariedade à própria ideia exposta nela ao se utilizar a conjunção “embora” duas vezes e se repetir a negação em relação à afirmação trazida posteriormente. Também o conceito de uma negação contundente sobre a realidade se dissolve com o uso dos verbos “parecer” e “querer” no presente do subjuntivo, deixando aberta a possibilidade de interpretação por quem a lê.

Na breve introdução, o narrador descreve como os arquivos policiais foram achados por um agente da Procuradoria dos Direitos Humanos quando este buscava encontrar, na verdade, a existência de explosivos em depósitos desconhecidos que pudessem causar algum perigo ou destruição semelhante ao incêndio e às explosões que ocorreram pouco tempo antes em um paiol do Exército Nacional. Ao chegar no complexo militar de La Isla, o agente não encontrou os artigos explosivos, que haviam sido retirados da área secretamente no dia anterior à inspeção, mas sim um edifício adjacente que possuía andares lotados com mais de oitenta milhões de documentos do Arquivo da Polícia Nacional Guatemalteca. Explica-se assim este fato:

Quando a Polícia Nacional foi dissolvida, a partir dos acordos de paz firmados em 1996, alguém provavelmente ordenou que se transferisse para esse local o Arquivo do antigo Palácio da Polícia e de outras delegacias, de modo que oitenta e tantos milhões de documentos, que se calcula que o Arquivo contenha atualmente – com livros de atas que datam da década de 1890 –, ficaram ocultos desde então, até que, em 6 de julho de 2005, a imprensa local noticiou o inverossímil e feliz achado. (REY ROSA, 2011, p. 12)

Com efeito, uma possível descoberta de tais arquivos soaria inverossímil. Entretanto, esse fato acontece nos dois cenários: na Guatemala ficcional do livro e na Guatemala real da história.

Mudando seu objetivo inicial de averiguar os casos de intelectuais e artistas fichados e investigados pela polícia, o narrador passa a se interessar e, posteriormente, recebe autorização, para acessar os arquivos do Gabinete de Identificação do Arquivo. Os documentos deste setor estavam integralmente catalogados e foram conservados quase em sua totalidade no mesmo lugar. Se a descoberta do Arquivo fora surpreendente, o descobrimento dos documentos deste Gabinete não deixou a desejar:

Entre dois módulos do antigo hospital havia um pequeno monte de terra sobre o qual ficava a trilha feita pelos carrinhos de mão que iam e vinham, carregados de documentos que estavam sendo transferidos para limpeza, catalogação e digitalização. Pouco depois da estação das chuvas, com a estiagem, a superfície do montículo, onde já crescia capim, rachou-se levemente, e alguém viu que debaixo da terra havia papéis, cartões, fotografias. O tráfego de carrinhos de mão foi imediatamente suspenso, e procedeu-se o exame dos papéis, que se revelaram fichas de identificação policial e outros documentos que compõem os vestígios do Gabinete. (REY ROSA, 2011, p. 13)

Assim, escondidos sob um monte de terra, estavam os milhares de documentos que identificavam diversas das vítimas da polícia nacional guatemalteca. As projeções da realidade dentro da ficção são permeadas de um absurdo somente possível dentro da imaginação. É interessante observar que, nesse caso, a realidade impõe uma forma de absurdo que impregna o texto ficcional. O real e o insólito se relativizam no texto de ficção para causar um efeito: olhar para a realidade guatemalteca, refletir sobre o passado, escavar a terra que encobre a realidade.

O primeiro nome que aparece na narrativa é da arquivista que ajuda o protagonista a ter um norteador em sua pesquisa: Ariadna Sandoval. Assim como na mitologia grega, a personagem fornece um fio condutor que auxilia o narrador em sua busca: informa-lhe o nome de Benedicto Tun, chefe do Gabinete de Identificação de 1922 a 1970. A partir disso, o narrador relata que visitou o Arquivo pelos três meses seguintes, mesmo sem saber exatamente o que realmente encontraria ali:

Eu, além da informação que esperava obter nesse labirinto de maços de papéis policiais acumulados durante mais de um século e conservados por acaso, comecei a achar, depois daquela visita inicial, as circunstâncias e o ambiente do Arquivo de La Isla romanescos, talvez até romanceados. Uma espécie de microcaos cuja relação poderia servir de coda para a singular dança macabra de nosso último século. (REY ROSA, 2011, p. 14)

Neste trecho, mantendo o elo iniciado com o mito de Ariadne, o narrador se vê em um labirinto de papéis que poderiam levar a diversas repostas ao que buscava, ou mesmo nenhuma. Mais do que isso, ele se percebe dentro de uma particular sinfonia que poderia dar o tom certo para a realidade cruel e devastadora vivida na Guatemala no século XX. Dentro dos documentos do Arquivo Policial, poderiam estar as resoluções dos atos da violência estatal ocultados até então pelo governo guatemalteco.

Percebe-se até este ponto da narrativa que a violência se faz presente e está instaurada nas raízes sociais guatemaltecas a partir das ações do próprio Estado. Entretanto, esta violência não está exposta como nos relatórios ou informes oficiais divulgados, e sim evidenciada por uma série de ações que não se enquadram no cenário de eventos cotidianos. Exigia-se dos indígenas um trabalho forçado em suas próprias terras desapropriadas pelo governo, gerando lucro para o Estado ou para grupos particulares. Apesar de sua incongruência, essa ação foi praticada pelo Estado guatemalteco inúmeras vezes.

A questão dos genocídios na Guatemala e os constantes ataques à comunidade indígena aparecem mais de uma vez nos relatos do protagonista. Expondo as contradições e o absurdo desses atos, o narrador mostra quão ilógica e sem fundamentos são as atitudes praticadas contra a base da sociedade guatemalteca. Em uma compilação de ensaios, emprestada ao narrador por um arquivista, ele lê uma passagem que reflete bem a construção da sociedade guatemalteca, deixando à margem os indígenas:

Roger de Lyss, *Tiempos Nuevos*, Guatemala, 1924:

“O índio não pode ser cidadão. Enquanto o índio for cidadão, nós, os guatemaltecos, não seremos livres. Eles, os infelizes, nasceram escravos, trazem isso no sangue, é a herança dos séculos, o maldito destino que o conquistador os fez cumprir”.

Benedicto Tun, que era filho de pai e mãe indígenas, criou o Gabinete de Identificação em 1922. (REY ROSA, 2011, p. 75)

Assim, a sociedade guatemalteca foi criada dentro de um pensamento paradoxal que visava excluir da sociedade que estava sendo construída a sua própria base piramidal. A ideia difundida ao longo do século XX foi que os indígenas não faziam parte da sociedade e seus costumes tornavam o país refém das outras nações. Dessa maneira, a eliminação das comunidades indígenas seria totalmente necessária para um crescimento político, econômico e social, tendo em vista que a ancestralidade indígena pendia para uma natural aceitação da escravidão. Confirmando essa pressuposição

paradoxal, tem-se a própria figura de Benedicto Tun, o qual, fundador do Gabinete de Identificação, era ele mesmo indígena.

A violência contra a comunidade indígena, base da pirâmide social guatemalteca, era defendida por membros do alto escalão governamental, assim como por parte dos intelectuais, que viam elementos vexatórios e humilhantes na cultura indígena que os desprestigiava e os desqualificava perante outras formações sociais. Dessa maneira, os indígenas são tratados como animais irracionais, como gado, que, ao apresentar sinais de demência ou degeneração, devem ser abatidos. Tais ideias acabaram por legitimar o genocídio da população indígena. O absurdo dessa realidade violenta representa o que o protagonista põe como explicação para tentar compreender, posteriormente, as atrocidades praticadas pelo ditador Ubico quando mandava matar pessoas primeiro e depois averiguar se eram culpadas ou não: *Sadismo histórico. Realismo sádico* (REY ROSA, 2009, p. 52).

O *modus operandi* do Estado, na narrativa, traz uma característica ilógica, aliada a uma percepção palpável daquilo que poderia ser considerado real. Não cabe neste momento julgar a veracidade do que é narrado, mas sim evidenciar a dúvida instaurada pela narrativa. Assim, mantém-se a ideia inicial perpetrada pela frase de aviso. Em um trecho da obra, essa ideia fica clara a partir da fala do narrador: “Ninguém sabe se expressar inteiramente por meio da arte”, disse alguém; eu acrescento: nem pela realidade (REY ROSA, 2011, p. 86).

Em outros trechos da narrativa, duas imagens, que reforçam a violência ficcional a partir de fatos históricos, aparecem. Com as referências sobre o fuzilamento de Louis Renault em 1944, acusado de fazer negócios com os nazistas, e sobre o assassinato de três deputados salvadorenhos do Parlamento Centro-Americano nos arredores da Cidade da Guatemala, episódio este apelidado de “torresmo salvadorenho”, retomam-se as ilustrações trazidas pelo narrador quando ele vê um Renault partido ao meio no terreno em que os arquivistas jogam futebol e o cheiro de porco frito mencionado por um arquivista, aludindo a um possível odor similar se o marido de sua colega de trabalho morresse:

[...] folheio um número da *Gaceta de la Policía* do dia 15 de outubro de 1944 (a cinco dias da Revolução Guatemalteca). Chama minha atenção uma foto de um correspondente francês. Um soldado tombado, amarrado pelas mãos a um poste – havia sido fuzilado por traição. Outro, o braço esticado, revólver na mão, aparece inclinado junto dele. [...] Ao virar a página: “Louis Renault, o fabricante de automóveis, detido na prisão de Fresnes, acusado de negociar com os nazistas”. (p. 68)

[...] 19 de fevereiro: encontram corpos queimados e o automóvel de deputados salvadorenhos do Parlamento Centro-Americano e seu motorista [...]. (p. 73)

Resolvo ir até a Opus Magnum, a alfaiataria [...]. Gostaria de falar com o dono, um ex-colega de escola e irmão de um dos policiais cujo nome andou ultimamente nos jornais, ligado ao que as pessoas chamam de crime “do torresmo salvadorenho” [...]. (REY ROSA, 2011, p. 77)

A relação entre o histórico e o ficcional também aparece de uma maneira quase inseparável, sendo que as duas linhas narrativas se cruzam a todo momento a fim de evidenciar e justificar um ponto em comum: a violência absurda e cruel em ambos os universos relatados. Os fatos históricos trazidos pelo narrador reforçam a selvageria ficcional a ponto de se observar o quão irracional a realidade pode ser fora dos textos literários, ao passo que o relato ficcional externaliza e explora os momentos históricos, questionando a real possibilidade desses acontecimentos dentro de uma esfera lógica e racional. A alternância da descrição do fato histórico com o relato do elemento ficcional enfraquece os limites entre as duas esferas a partir de uma estrutura linguística que reforça a violência como componente desencadeador das ações.

Continuando seus relatos ainda no primeiro caderno, o protagonista decide frequentar, então, o curso sobre violência oferecido para os trabalhadores do Arquivo. Neste curso, ministrado pelo doutor Novales, o narrador consegue as seguintes definições para a violência:

Todo ato de violência é um ato de poder.

Nem todo ato de poder é um ato de violência.

A violência implica o uso da força física.

A força não é necessária em todos os casos; a ameaça pode bastar, como as “pintas” de uma “mão branca” durante os anos 1960 e 1970, na Guatemala, na casa dos supostos comunistas.

Um Estado fraco precisa exercer o terror. (REY ROSA, 2011, p. 46)

Fazendo essas referências, o doutor Novales deixa evidente os tipos de violência que se manifestaram na Guatemala ao longo do século XX. A ideia de um Estado fraco que necessita exercer o terror para manter-se no poder corrobora a ideia de Cuevas Molina (2012, p. 153-155) sobre a necessidade da oligarquia guatemalteca manter uma constante vigilância quanto a um possível levante indígena. Além disso, evidencia dois outros pontos: o primeiro se refere ao grupo de extermínio *Mano Blanca*, que perseguia, torturava e assassinava não somente os guerrilheiros, mas qualquer um que pudesse ser considerado suspeito de ser simpatizante de ideias comunistas. Juntamente

com outros grupos que surgiram na época, o *Mano Blanca* reforçava o terror de Estado no território guatemalteco. O segundo ponto a se observar é a não utilização da força em todos os casos. Com o terror espalhado por mortes violentas e genocídios no século XX, o rumor e as ameaças sustentam uma violência já propagada na Guatemala. Após o Acordo de Paz assinado em 1996, a violência estatal desaparece, mas deixa suas marcas na sociedade guatemalteca. É uma violência cotidiana que tem como um de seus braços a ameaça, a possibilidade do sequestro ou do desaparecimento.

Tais questionamentos levantados pelo protagonista suscitam hipóteses que ultrapassam o sentido racional da realidade diante de um ato de violência, levando-se em consideração também que seus sonhos são amedrontadores assim como a realidade da Guatemala. Após um terceiro relato sobre um pesadelo, o narrador traz trechos do relatório emitido por Philip Alston, relator dos Direitos Humanos das Nações Unidas, divulgado pelo jornal *elPeriódico*:

Dou uma olhada no *elPeriódico*. Mais notícias de Philip Alston: “Informe do relator aponta *limpeza social*”, diz a manchete na primeira página. Entre outros dados estatísticos, indica que em 2006 foram registradas 5.533 mortes violentas em território guatemalteco, das quais só aproximadamente cinco por cento foram investigadas pelas autoridades; e 64 defensores dos direitos humanos foram assassinados na Guatemala nos últimos cinco anos. (REY ROSA, 2011, p. 108-109)

A falta de investigação sobre os casos de mortes violentas na Guatemala, acrescida da ideia de “limpeza social” propagada por grupos armados com indícios de ajuda governamental, alimenta a paradoxal realidade do país, juntamente com o questionamento do protagonista em relação à figura íntegra do chefe do Gabinete de Identificação, Benedicto Tun. Não só isso: os relatos de outros assassinatos que marcaram a Guatemala ao longo da sua história e também outras mortes violentas mais recentes que produziram uma condição de sobrevivência irracional.

Diante disso, o protagonista vive em meio aos seus próprios sonhos que o atormentam e à realidade que o intimida e assombra. As justificativas trazidas para a prática das atrocidades na realidade guatemalteca continuam a fugir de uma linha possível de racionalidade e lógica. Um dos trechos da obra que confirma essa ideia ilógica é quando um dos policiais envolvidos no assassinato dos deputados salvadorenos vem à público justificar a ação:

Domingo à tarde.

Na imprensa: um dos policiais envolvidos no assassinato dos deputados salvadorenos, que agora é testemunha protegida, declara que existem

“esquadrões da morte evangélicos” formados por agentes da Polícia Nacional Civil que pertencem a diferentes seitas religiosas. “Estamos travando”, diz, “uma luta contra o Mal. Assim se justificam os assassinatos extrajudiciais”. (REY ROSA, 2011, p. 110)

Assim, os setores religiosos, públicos e privados buscam se unir para enfrentar um inimigo comum a todos: o Mal que assola a sociedade. A arma utilizada para combater toda maldição que paira sobre o país é justamente praticar mais atrocidades em nome do Bem. A justificativa beira (se não é de fato) o ridículo e o paradoxal a ponto de se ter um *esquadrão da morte evangélico* formado por policiais e outros agentes, de diferentes seitas religiosas, assassinando pessoas com a ideia de uma *limpeza social* necessária para o avanço civil guatemalteco.

Os absurdos e acontecimentos ilógicos proliferam na narrativa à medida que o narrador vai trazendo novos fatos. A maneira como são narrados, intercalando sonhos, cenas de seu cotidiano e do cotidiano violento de seu país, deixam o leitor envolto em teias discursivas que desmancham o conceito seguro e linear de uma possível realidade. As justificativas dadas para as atrocidades cometidas na Guatemala e os próprios acontecimentos que permeiam a trajetória do protagonista são trazidos de uma maneira quase natural, como se ele narrasse um dia calmo e tranquilo em uma fazenda no interior do país.

O protagonista acrescenta mais dados a essa realidade sádica quando transcreve trechos de de autores e pensadores que ele aprecia. Tais trechos refletem sobre a realidade, a escrita autobiográfica e sobre o sentido da verdade:

Voltaire: “O tempo faz as pessoas mudarem de opinião”.

Sartre, em *A Náusea*: “Creio que o risco de ter um diário consiste nisso: a gente exagera em tudo, fica na expectativa e ultrapassa os limites da verdade”.

Wittgenstein: “Mas esta não é uma consideração unilateral da tragédia que só mostra que um encontro pode determinar toda nossa vida?”.

Schnitzler: “Toda verdade tem seu momento – sua revelação –, que costuma durar muito pouco, de modo que, como a própria existência, é um fulgor, ou somente uma chispa, entre o nada e a mentira que a precede e que a segue, entre o momento em que parece paradoxal e o momento em que começa a parecer trivial”. (REY ROSA, 2011, p. 123)

Com essas afirmações, o narrador coloca em dúvida o próprio relato, revelando a tênue linha existente entre o real e o imaginário na obra analisada. Muitos trechos da narrativa, como notícias de jornais, são da esfera

do real, mas que, a partir do momento que são utilizados na história, se recobrem de um dado ficcional. Trazendo a citação de Sartre, o protagonista põe à prova o estilo escolhido por ele mesmo, ao mesmo tempo que a citação de Schnitzler questiona a natureza paradoxal da verdade exposta que passa a ser banal depois da sua revelação. É um narrador que começa a questionar as suas próprias ações dentro de sua própria narrativa, desconfiando daquilo que ele mesmo expôs ao seu leitor.

Em outros dois trechos do livro, mais adiante, pode-se perceber a tentativa do narrador de colocar em dúvida os relatos presentes em seus diários a partir de citações de obras de autores mundialmente conhecidos. A primeira citação traz um pensamento do escritor austríaco Stefan Zweig sobre a obra de Balzac. Já a segunda citação refere-se a um artigo publicado sobre biografia realizada a partir de diários de Bioy Casares sobre seu amigo Jorge Luis Borges.

Leio *Balzac*, uma biografia breve de Zweig. Sobre uns manuscritos de Balzac, diz o seguinte: “Podemos ver como as linhas, que no início são ordenadas e nítidas, se inflam depois, como veias de um homem encolerizado”. Acho que em minha escrita pode-se ver algo parecido (p. 131).

[...] – Lembremos – diz – que Bioy nunca quis publicar esses diários, e hoje são editados por outros, que podem ter manipulado ou não as malícias particulares do escritor. (REY ROSA, 2011, p. 134)

Com essas referências, o narrador coloca em dúvida aquilo que está sendo narrado por ele mesmo, possibilitando questionar o gênero em que os relatos foram trazidos (em forma de diário) assim como a própria realidade exposta neles. Questiona-se a veracidade dos fatos narrados ao mesmo tempo que se tem conhecimento da realidade absurda em que está inserida a Guatemala. Indaga-se a viabilidade das ações dentro e fora do texto a partir dos relatos que se aproximam do inverossímil pelo paradoxal e irracional que está presente na obra.

Assim, nesta obra, o autor pretende desconectar fatos históricos de sua usual veracidade. Os relatos fazem o leitor questionar-se quanto ao que antes se acreditava ser realidade. Mesclando notícias de jornais e relatos históricos com descrições e acontecimentos ficcionais, o narrador conduz seu leitor por caminhos carregados de declives que o fazem vacilar em seus julgamentos e hesitar quanto aos sentidos propostos pela narrativa.

Esse jogo narrativo oscilante é complementado pela presença de personagens históricos, como Mário Méndez Montenegro e Antonio Sanabria, que contracenam com criaturas aparentemente ficcionais, como Benedicto Tun e seu filho. Na obra, a existência desses personagens questiona a

realidade histórica e a maneira como os fatos históricos são traduzidos para a sociedade.

Uma dessas confrontações se dá exatamente com o relato do assassinato de Méndez Montenegro. Em suas entrevistas com Benedicto Tun, o filho, o protagonista se vê diante de fatos contrários aos revelados pelos relatórios históricos sobre a morte do então futuro candidato à presidência da Guatemala na década de 1960. O filho do chefe do Gabinete de Identificação afirma mais de uma vez que teriam forçado seu pai na época a alterar os laudos da morte do candidato, declarando seu assassinato e não seu suicídio como havia redigido Tun ao fazer a autópsia. O chefe do Gabinete recusa-se e, em seguida, encaminha sua carta de renúncia do cargo para o presidente da época. Sua demissão é recusada e Benedicto ainda ficaria mais alguns anos como Chefe de Gabinete. O relato feito pelo narrador da entrevista com o filho do chefe revela um questionamento dos fatos históricos a partir de um elemento ficcional que força os limites da verossimilhança entre os acontecimentos de ambos os lados. Na obra de Rey Rosa, uma personagem fictícia tem o poder de alterar os fatos históricos que modificariam em vários sentidos a história da Guatemala:

Começa a falar de outro caso, a morte de Mario Méndez Montenegro. O velho Tun emitiu o relatório de suicídio [...]. – Mas, depois, os de cima quiseram que ele mudasse o relatório, que dissesse que havia sido um homicídio – diz ele.

Explica que Méndez Montenegro, candidato à presidência e antigo diretor da polícia, matou-se com um revólver, uma arma que ganhara de presente de um militar alguns anos antes da morte deste, e a bala que perfurou seu coração era de fabricação militar. Isso se prestava à hipótese de assassinato político, que foi explorada por seus partidários. Mas pelas provas de balística e outras circunstâncias da morte (em sua própria casa, depois de uma crise alcoólica), Tun se negou a mudar o relatório, apesar das pressões sofridas quando o irmão de Mario, Julio César Méndez Montenegro, foi eleito presidente da República. (p. 114-115)

“Examinavam o relatório sobre o suicídio de Mario Méndez, o irmão do presidente. Queriam que meu pai informasse que ele havia sido assassinado. Pretendiam fazer dele um herói, um mártir. [...] nessa mesma noite redigimos a sua carta de renúncia. O presidente, como eu já lhe disse, não a aceitou”. (REY ROSA, 2011, p. 163-164)

As notícias que se encontram sobre esse fato salientam a estranha morte de Méndez Montenegro em sua casa, sobre a qual, depois de feita uma

prova de balística, os legistas afirmaram ser assassinato.² Nos jornais, questiona-se o fato de o candidato, a cinco meses de uma vitória eleitoral, ter se suicidado em sua casa sem ter relatos suicidas em sua família nem atitudes que pudessem desencadear essa ação. Na época, o governo guatemalteco teria se prontificado beneplacitamente a ajudar nas investigações para se descobrir a verdade. O grande ponto é que, na narrativa de Rey Rosa, o filho de Benedicto em nenhum momento contesta a hipótese de suicídio, pois esta foi atestada por seu pai, perito há mais de quarenta anos na área. A idoneidade do velho Benedicto Tun em nenhum momento é posta em cheque por seu filho, que o julga uma pessoa decente e competente. Dessa maneira, coloca-se em dúvida a maneira como os fatos foram narrados na realidade e não na obra ficcional, pois esta testifica e corrobora as ações de suas personagens a partir da familiaridade com os episódios descritos.

A credibilidade da fala do filho de Benedicto Tun é reforçada quando o narrador revela ao leitor, em tom de confidência, que esse é mais um caso que ele desconhece, mas fica lisonjeado com a forma com que lhe relataram como se ele fosse íntimo da situação. Como o próprio narrador não conhece bem o caso, ele autoriza a fala de Benedicto Tun filho como mais crível e mais próxima da realidade, pois conhece melhor o episódio. Curiosamente, o protagonista, que teve acesso aos Arquivos da Polícia e, frequentemente, expõe em seus cadernos notícias sobre mortes e situações violentas na Guatemala, não busca outras fontes de informação sobre os relatos do filho do chefe do Gabinete de Identificação.

A figura do velho Benedicto Tun é de grande importância para o desenvolvimento da narrativa. Mesmo não sendo uma personagem viva, a lembrança de sua existência e seu trabalho no Gabinete de Identificação transmitem uma atmosfera aos relatos do protagonista quanto à relevância de Benedicto. Com o interesse do narrador na história de Tun, o filho do antigo chefe do Gabinete reaviva a influência do pai na história da Guatemala, pois vários acontecimentos contraditórios e misteriosos presentes nos relatos factuais da história guatemalteca contam com a participação de Benedicto Tun, seja para corroborá-los frente a possíveis questionamentos ou para contradizer a opinião pública da época. Benedicto Tun manifesta-se como uma figura onipresente dentro da Guatemala quando se refere a mortes e descobrimento de fatos relacionados a tais situações. Sobre a importância de Benedicto, o protagonista, quando estava prestes a voltar de Paris, conversa com Jacobo Rodríguez Padilla, um artista guatemalteco exilado na França há

²Disponíveis em: <http://contrapoder.com.gt/2016/08/02/la-extrana-muerte-de-mario-mendez-montenegro/> e <http://www.prensalibre.com/hemeroteca/la-muerte-de-mario-mendez>. Acesso em: 24/06/2018.

décadas. Quando o narrador faz menção ao Gabinete de Identificação, o artista lembra-se no mesmo instante de Benedicto Tun:

O homem era temido. Sabia demais. Era considerado mais um técnico, ou um cientista, do que um policial. Mas não tínhamos certeza de que fosse conveniente manter um elemento assim em seu posto depois da Revolução. De qualquer forma, ele ficou lá. (REY ROSA, 2011, p. 142)

A importância de Tun era incontestável para o efetivo funcionamento do Gabinete de Identificação. Era uma figura controversa, que levantava suspeitas tanto por parte dos governos militares quanto dos líderes da Revolução e, depois, dos membros das guerrilhas, por ter trabalhado cinquenta anos em um setor atrelado diretamente ao governo guatemalteco. Seu trabalho parecia ser respeitado por todos e suas decisões eram levadas a sério por aqueles que o rodeavam. Assim como a polêmica envolvendo o laudo da morte de Méndez Montenegro, outras situações contraditórias foram associadas ao personagem. Entre os papéis de seu pai, o Benedicto Tun filho encontra uma foto carregada de elementos polêmicos:

Cuidadosamente, tira uma foto de uma gaveta para mostra-la: trata-se do batizado do filho mais velho de Miguel Ángel Asturias, Rodrigo, futuro chefe da Organização do Povo em Armas (Orpa) e da União Revolucionária Guatemalteca (URNG). O monsenhor Rossell y Arellano batiza Rodrigo, o mesmo monsenhor que anos mais tarde seria arcebispo da Guatemala. O padrinho é Ydígoras Fuentes, nem mais nem menos. (REY ROSA, 2011, p. 154)

Nesta foto encontram-se personagens importantes da história da Guatemala por muitos motivos. Primeiro, a presença de Miguel Ángel Asturias, com sua importância literária mundial e seu Prêmio Nobel, mas com pensamentos excludentes em relação aos indígenas. Na foto, Asturias batizava seu filho Rodrigo, que mais tarde se rebelaria contra o governo autoritário e lutaria contra os ditadores em seu país. Curiosamente, Rodrigo acabou sendo o único dirigente dos partidos revolucionários que fundaram a URNG a não participar da assinatura do Acordo de Paz no início dos anos 1990.

Quem o batiza é o monsenhor (e futuro Arcebispo da Guatemala anos depois) Rossell y Arellano, que fez duras críticas ao governo de Jacobo Árbenz, acusando-o de ser ateu e comunista. Por último, na fotografia, encontra-se a presença de Ydígoras Fuentes, militar que foi presidente do país entre 1958 e 1963, conhecido por tentar apoio, anos antes, para destituir do poder Árbenz. Ydígoras Fuentes foi um dos militares mais controversos na presidência da Guatemala: era chamado de “louco” ou de “palhaço” nas ruas e em outros

setores do governo. Em sua campanha eleitoral, afirmou que não faltaria frango nas panelas guatemaltecas e que iria governar com um punho de aço inoxidável. Relatos históricos apontam que a carne de frango ficou barata durante seu governo por um investimento do setor econômico nas indústrias que a produziam, mas que Ydígoras não conseguiu cumprir sua segunda promessa eleitoral porque não possuía vocação para ser um ditador, sendo deposto em 1963 pelo seu Ministro da Defesa, Enrique Peralta Azurdia.

Todos esses fatos contraditórios estão reunidos dentro de uma fotografia encontrada por Benedicto Tun nos pertences de seu pai. O absurdo e o ilógico permeiam a narrativa possivelmente real com elementos ficcionais centrais, como a figura de Tun. O batizado de Rodrigo com essas personagens pode ter acontecido ou não na narrativa histórica da Guatemala; o que o narrador faz ao descrever essa imagem é propor uma nova possibilidade de se contar a história que se conhece dos fatos. A partir de uma nova visão dos fatos, tem-se novos relatos históricos construídos a partir de evidências, ora ficcionais, ora históricas.

A construção de Benedicto Tun na obra é feita por meio do conhecimento da existência de Desiderio Menchú, chefe real do Gabinete de Identificação da Polícia Nacional Guatemalteca desde sua fundação, em 1922, até a sua renúncia em 1970. A figura de Benedicto Tun filho foi baseada no filho de Desiderio, Benedicto Menchú, que na obra de Rey Rosa é um licenciado em Direito. A partir da importância de Desiderio na vida real, Rey Rosa constrói o velho Tun, atrelando diversos fatos importantes à existência dessa personagem. Além de ser reconhecido por figuras destacadas na sociedade guatemalteca, como o artista exilado em Paris, Tun é lembrado por figuras do governo e líderes rebeldes, como o militar de esquerda que liderou um golpe fracassado contra Ydígoras Fuentes, Arturo Rodríguez:

[...] peço a Rodríguez que me fale sobre Benedicto pai. Ele me diz: – Foi um homem brilhante, honorável, honradíssimo, grande conhecedor de seu trabalho. Nosso primeiro criminólogo. Por isso – explica –, nem durante o Governo da Revolução puderam prescindir dele. Foi muito amigo de intelectuais como Balsells Rivera, o escritor, e de Cazali, o pai dessa moça que faz crítica de arte na imprensa... Vinha do Quiché, seus pais eram indígenas. E olhe aonde ele chegou. (REY ROSA, 2011, p. 173)

O conhecimento de fatos que uma figura como Benedicto Tun poderia ter sobre os atos praticados pelo governo guatemalteco durante cinco décadas é inestimável. Acredita-se que seja essa uma das intenções do autor ao apresentar esse personagem em sua obra: o poder que Tun possui é incalculável, levando-se em consideração toda sua experiência dentro do

governo guatemalteco. Em seu Gabinete de Identificação, Tun trabalhava nos bastidores das ações políticas e militares de seu país, podendo conhecer informações sigilosas e altamente cruciais para qualquer um que fizesse parte do alto escalão político guatemalteco. Em seu Gabinete, durante as décadas que ali trabalhou, Tun foi capaz de construir uma aura que lhe proporcionou imensos poderes na sociedade guatemalteca. O Gabinete e seus casos eram a sua vida:

“O Gabinete”, continua Benedicto, “absorveu-o completamente; era sua esfera de poder. Dedicou-se a ele todo o seu tempo, mas tendia a descuidar de sua família” (p. 166).

“[...] O salário do Gabinete era muito baixo, como já lhe contei. Mas ali ele podia inovar. Era um homem com poder, refugiado em seu trabalho. Como disse”, insiste o filho, “sua origem maia-*quiché* foi um problema para ele. [...]” (p. 167)

[...] – Imagine as coisas que ele deve ter visto em seu trabalho e sobre as quais teve de se calar – continua dizendo. Às vezes, em casa, já ancião, chorava em silêncio, houve quem falasse mal dele, ou porque foi afetado por seus relatórios, ou porque considerasse que ele fazia parte do aparelho repressor, ou por preconceito. De qualquer modo, ele não se apegava ao cargo. Quis renunciar em mais de uma ocasião, mas suas renúncias nunca foram aceitas. O próprio Ydígoras Fuentes tentou destituí-lo, e o diretor da polícia se opôs. (REY ROSA, 2011, p. 168)

Dessa maneira, pelos relatos obtidos nas conversas com o filho, a própria figura de Benedicto Tun também era eivada de características controversas. Era um homem que detinha o poder e utilizava-o, ao mesmo tempo que buscava manter-se longe da imagem de repressor por servir aos diversos governos autoritários que atravessaram o século XX na Guatemala.

O jogo que praticava Tun, durante todos esses anos como chefe do Gabinete, parecia ser complexo: sua esfera de poder estava atrelada diretamente à corrupção e às atrocidades praticadas pelo governo e, mesmo assim, ele se mantinha em seu cargo. Sua renúncia foi por causa de uma hemorragia oriunda de um traumatismo craniano. Mesmo solicitando sua renúncia antes, não lhe foi outorgado o direito de saída de seu cargo. Benedicto Tun, assim como outras personagens da narrativa, é construído a partir do mistério, da contrariedade e do absurdo que penetram a realidade guatemalteca.

Assim como a figura de Benedicto Tun, a existência do Arquivo é irrefutável na narrativa. A todo instante, o narrador busca trazer indícios de

que seus relatos são mais próximos da realidade que de um cenário ficcional. O protagonista ainda afirma que mesmo que os relatos possam ser incríveis ou que sustentem ambientes ficcionais, seu valor documental não pode e nem deve ser desconsiderado, pois a realidade guatemalteca foi forjada ao longo dos séculos por tais elementos: “[...] Como um achado, como documento ou testemunho, a importância do Arquivo é inegável (embora incrível e infelizmente, há quem tenha querido desmerecê-la), e se não pude narrá-lo, como pensei que poderia, é porque me faltaram sorte e forças” (REY ROSA, 2011, p. 180).

Do mesmo modo que confirma a validade do Arquivo como algo real e testemunhal, o narrador na página seguinte traz uma citação de um autor que reforça o caráter ficcional de seus relatos: “O que pode ser pensado tem de ser, certamente, uma ficção” (REY ROSA, 2011, p. 181). Trazendo essa citação, possivelmente feita pelo escritor e professor espanhol Fernando Savater, o narrador solidifica o caráter ambíguo do texto, fazendo o leitor questionar tudo o que foi narrado, seja por um viés histórico, seja por um princípio ficcional.

A nota final colocada no livro reafirma o caráter ambíguo exposto anteriormente e reforça a dúvida sobre a veracidade do texto: “Alguns personagens pediram que seus nomes fossem alterados” (REY ROSA, 2011, p. 182). Pensando em uma lógica de relatos pautados em acontecimentos verídicos, não seriam personagens que pediriam que seus nomes fossem alterados, mas sim pessoas que participaram efetivamente dessas situações e foram chamadas para contar suas versões dos fatos. Quando o autor prefere utilizar o termo *personagens* em vez de *pessoas*, fortalece a dúvida entre a realidade e a ficção, questionando-se se foram realmente fatos históricos ou ficcionais. Ou mais: dentro desses cadernos e diários, o que não poderia ser considerado um produto de uma narrativa pautada em elementos históricos altamente ficcionalizados?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se perceber anteriormente, em *El material humano* (2009), além da violência claramente exposta, a postura de Rey Rosa, ao construir seu narrador, propõe-se a diluição da fronteira entre a realidade e a ficção, possibilitando então a intersecção desses dois universos, a ponto de se não se poder distingui-los claramente por conta do absurdo existente no cotidiano do narrador-protagonista. As imagens que são construídas na narrativa se contrapõem entre a calma e a agressividade, quase sempre a primeira sendo transgredida pela agressividade direta ou indireta dos fatos ocorridos que refletem a violência do texto.

Nesse romance, é possível perceber indícios do teor autobiográfico da narrativa pelas semelhanças existentes entre as experiências de vida do próprio autor e do narrador-protagonista. Entretanto, com o desenvolvimento da trama, o real e o ficcional mesclam-se nas ações e indagações do protagonista, fazendo com que a aproximação com o real seja posta em cheque pelo absurdo que se pode encontrar no cotidiano do enredo.

Assim, a narrativa constrói um cenário remontando um passado histórico ainda presente na vida guatemalteca atual, sem exageros ou rodeios, sem tanta surpresa ou estranhamento frente à brutalidade contida na exposição desses fatos. Interpondo episódios pessoais, como jantares, lançamentos de seus livros ou seus questionamentos acerca do Arquivo, com quadros de brutalidade presentes na realidade guatemalteca, como as diversas mortes relatadas e até as ameaças sofridas, é que se apresenta a narrativa de *El Material Humano*.

Dessa forma, pode-se concluir que a violência cotidiana é retratada não só nos relatos trazidos pelo protagonista mas também na estrutura linguística do texto e também nos significados adquiridos a partir dos cenários construídos. O universo, ora surreal ora real, mas fora dos padrões considerados em certo ponto aceitáveis pela realidade, é o que ambienta a narrativa apresentada por Rey Rosa. Tal território se torna paradoxal quando se tem a consciência de que as referências postas para a construção desse ambiente partem da realidade guatemalteca: os relatos feitos pelo protagonista, os cenários descritos, os trechos de obras e recortes de notícias de jornais, as ruas e cidades percorridas remontam à Guatemala atual, percebido de um ponto de vista que questiona a veracidade dos acontecimentos. Envolvendo todos esses relatos e cercando os personagens da narrativa, está a violência, seja clara e atroz, como as mortes relatadas, seja mais sutil, porém não menos assustadora, como as ameaças e os sonhos do protagonista.

REFERÊNCIAS

CUEVAS MOLINA, R. *De Banana Republics a repúblicas maquileras*. San José: EUNED, 2012.

DEMYK, Noelle. *Los territorios del Estado-Nación en América Central*. In: TARACENA, Arturo; PIEL, Jean. (eds.). *Identidades Nacionales y Estado moderno en Centroamérica*. México: Centro de estudios mexicanos y centroamericanos, Flacso San Salvador, Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1995. p. 13-30.

ESCAMILLA, J. L. *El protagonista en la novela de posguerra centroamericana: desterritorializado, híbrido y fragmentado*, El Salvador: Ed. Universidad Don Bosco, 2011.

FAQUERI, Rodrigo de Freitas. Construção ficcional e (re)construção histórica: um jogo entre a ficção e a realidade em *El material humano*, de Rey Rosa. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 2 (2018), p. 50-71
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 set. 2018.

MACKENBACH, W.; ORTIZ WALLNER, A. De (formaciones): violencia y narrativa en Centroamérica. *Revista Iberoamericana*, 32 (2008): 81-97.

ORTIZ WALLNER, A. *El arte de ficcionar: la novela contemporánea en Centroamérica*. Madrid: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2012.

REY ROSA, R. *El material humano*. Barcelona: Anagrama, 2009.

_____. *O Material Humano*. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Saraiva, 2011.

RODRIGO DE FREITAS FAQUERI é mestre em Letras com ênfase em Literatura Latino-americana pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2013) e doutor em Letras com ênfase em Literatura Guatemalteca pela mesma instituição (2018). Participou do PDSE oferecido pelas CAPES na Universidad Nacional de Costa Rica (UNA) em 2017. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), atuando como professor EBTT. É participante do grupo de pesquisa "Diversidade Cultural e Inclusão Social: Literatura como Experiência". Dentre suas publicações estão o artigo "A desestabilização do (ir)real: leituras da narrativa contística de Rodrigo Rey Rosa" (*Caderno de Pós-graduação em Letras, Mackenzie, 2015*) e os capítulos de livros "As reverberações rubianas no fantástico brasileiro contemporâneo: um olhar sobre a escrita de Almícar Bettega" (*Fantástico e seus arredores: figurações do insólito, 2017*), "O papel da literatura na formação docente: reflexões sobre a construção de um pensamento estético-literário para as aulas de LE" (*Ensino de Literaturas Hispânicas: Reflexões, propostas e relatos, 2018*), e " *CruzCampo, hecha de Andalucía: uma análise da linguagem publicitária usada no enaltecimento de uma identidade cultural*" (*Vale o Escrito, 2018*).